

LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO *

*Cheng Xiang Hui ***

A linguagem é utilizada para comunicar. Para a comunicação é necessário existir a linguagem. Esta simples interdependência é tão evidente que não necessita de mais provas. Basta meditar um pouco para descobrir que a linguagem e a comunicação são sempre condicionadas por várias deturpâncias e restrições, resultando situações complicadas ou variadas. Se não investigarmos todas estas situações, a linguagem não poderá desenvolver a sua maior utilidade na comunicação, e a comunicação não poderá colher os melhores resultados.

Em termos de linguagem, a sua forma básica é formada por intermédio do som que interliga o emissor e o receptor. A forma primitiva que utiliza o som como intermédio é a comunicação oral. O som tem muitas variações: assobio, apito, alarme, o som das badaladas, o das cornetas, o de bater à porta, o de bater palmas, etc. Nesta época de grande desenvolvimento da ciência de comunicação, a comunicação oral tem vários meios de substituição, como gira-discos, rádios, gravadores, «walkman», dicionários electrónicos, etc. Além da linguagem oral, a linguagem ainda pode ser representada por desenhos ou cores, formando um meio de comunicação através da visualização. A maneira mais conhecida de representar os sons é a escrita. Mas existem também algumas formas de representação, como «Proibido fumar» e os sinais de semáforo num cruzamento. Mas estas representações são apenas um meio secundário de comunicação, não podem ser um meio principal de comunicação.

O que disse anteriormente refere-se apenas ao caso em que existe só uma língua. Mas, numa sociedade de vários dialectos ou várias línguas, devemos debruçar-nos sobre o problema de «língua estandardizada» e «língua oficial». O exemplo mais evidente é a República Popular da China.

* Debate sobre o problema das «Três Localizações» de Macau entre 17 e 18 de Setembro de 1994.

** Professor-adjunto da Faculdade de Ciências da Universidade de Macau.

A República Popular da China é um país com muitas etnias e inúmeros dialectos. Apesar de todos os dialectos terem o mesmo estatuto, o dialecto «Han» é o dialecto utilizado nas relações com o exterior e o que representa a língua oficial da República Popular da China. A língua chinesa utilizada nas Nações Unidas é o dialecto «Han». No dialecto «Han», existem centenas de variantes, algumas pouco faladas e outras muito faladas. Entre estes dialectos, criou-se uma «língua comum» ou «língua standardizada», capaz de ser aceite por todas as pessoas. Esta «língua standardizada» é um modelo adoptado por todas as pessoas que queiram aprender a língua comum chinesa, a fim de atingir o nível determinado por aquele modelo. Existe uma dúvida: porque existem alguns estrangeiros que falam melhor o «mandarim» do que os próprios chineses? Porque estes estrangeiros utilizam a língua comum chinesa como modelo de aprendizagem. É o que acontece com alguns chineses que falam melhor o «inglês» do que os próprios ingleses (gauleses, irlandeses). Isto deve-se ao facto de os estrangeiros utilizarem o «inglês» do sul de Londres como modelo, não aprendendo os seus dialectos. Por isso, os países e regiões desenvolvidos devem executar uma série de trabalhos altamente científicos: o planeamento da língua. O «Seminário Internacional do Desenvolvimento da Língua no Período de Transição de Macau», realizado em Março de 1992 e organizado pela Associação de Ciências Sociais de Macau, foi uma experiência do planeamento da língua. Num artigo publicado na revista «A Utilização da Escrita», editada pela Comissão Nacional de Línguas, dizia-se: *«o Debate sobre a Língua em Macau foi publicado no final do ano de 1992, pela Associação de Ciências Sociais, cujo editor é o Professor Assistente do Curso de Língua Chinesa da Universidade de Macau e presidente executivo do Seminário Académico, o sr. Cheng Xiang Wei. É um livro com cerca de 500 000 palavras que reflecte o resultado daquele Seminário Académico Internacional, a fim de fornecer aos leitores dados valiosos sobre o passado, o presente e futuro da língua e da escrita em Macau. E consolidou cientificamente, convenientemente, estavelmente e activamente o caminho para o planeamento da língua em Macau»*¹.

O ponto essencial do Planeamento da Língua em Macau resume-se, sem dúvida, às duas línguas, chinesa e portuguesa. Há muitas pessoas que gostam de utilizar o termo «bilíngue» para referir as duas línguas oficiais.

Existem inúmeras expressões derivadas da palavra «bilíngue», tais como «bilinguismo», «pessoas bilíngues», «formação bilíngue», etc., que contribuíram bastante para os assuntos relacionados com as duas línguas oficiais. Na realidade, a língua chinesa ainda está longe de ser, na prática, a língua oficial! Não é altura de falarmos se a «língua chinesa» está ou não em pé de igualdade, porque, na realidade, o

¹ «Um Artigo Atraente sobre o Planeamento da Língua» — ler «O Debate sobre a Língua em Macau», Pat Kan Cheong.

fenómeno da desigualdade entre as duas línguas tem vindo a ser afirmado há mais de uma centena de anos. Actualmente, é necessário que a língua chinesa consiga, dentro do período de transição de cinco anos, um lugar adequado ao seu estatuto de língua oficial. «*O sistema capitalista de Macau mantém-se inalterável durante 50 anos*», «*Macau gerida pelos naturais de Macau*», «*um país, dois sistemas*», etc., tudo isso será falso se a posição oficial da língua chinesa não for elevada, porque, chegando a altura da transferência dos poderes, se não se puder dar continuidade ao sistema e ao funcionamento administrativos, através da língua chinesa, haverá um colapso no interior dos Serviços de Administração. A única hipótese é começar de novo ou então utilizar o sistema social e administrativo da República Popular da China. Por isso, tanto a parte portuguesa como a parte chinesa, e os próprios naturais de Macau, na defesa dos seus próprios interesses, isto é, todos os que desejam ver a Lei Básica entrar em vigor na Zona Administrativa Especial de Macau, devem contribuir para a afirmação da posição oficial da língua chinesa.

A política de duas línguas oficiais deve ser executada por pessoas bilíngues e as equipas bilíngues devem receber formação bilíngue. Estas três fases de raciocínio parecem lógicas, mas na realidade, a sua premissa merece ser discutida.

A política de duas línguas oficiais deve ser, sem dúvida, executada por pessoas bilíngues, mas não necessariamente. O primeiro-ministro do Canadá não tem de saber inglês e francês, nem todos os presidentes de Singapura devem saber necessariamente inglês, chinês, malaio e tamil. O Governador de Macau não entende chinês e é presidente da Comissão de Acompanhamento da Situação Linguística. Ele preside a todas as reuniões e estabelece medidas concretas da política de oficialização das duas línguas.

Apesar de ser uma sociedade bilíngue, o número de pessoas que entende as duas línguas é bastante limitado. Os executantes da política de oficialização de duas línguas devem aproveitar o escasso número de bilíngues, colocando-os em lugares adequados a fim de poderem expandir o seu talento.

Esta opinião foi manifestada pelo autor no jornal «*Ou Mun Yat Pou*» no dia 17 de Junho de 1993². A experiência da História confirma que, durante mais de cem anos, foi aplicada em Macau a política de uma única língua oficial, sem ter em atenção qual a língua que a população melhor dominava. Actualmente, a política de duas línguas oficiais que se encontra em vigor, deveria ter melhor resultado do que a de uma única língua oficial, porque uma delas é já a língua-mãe de mais de 90 por cento da população, e este grupo não necessita de nenhum esforço para aprender a sua própria língua. Por isso, a Administração pode reduzir as

² Ver a 3.^a parte «Pessoas Bilíngues de Macau» do artigo «Questão do Bilinguismo em Macau».

despesas com cursos de formação linguística e deve dar cursos de formação de tradução ou interpretação. No período de transição, Macau não necessita de pessoas que saibam apenas dizer algumas palavras nas duas línguas, mas sim de tradutores especializados na área legislativa, judicial e administrativa.

«Bilíngue» é um termo no estudo da língua. Ela engloba o «bilinguismo individual» e o «bilinguismo social». «Pessoas bilíngues» também englobam várias camadas. No topo das «pessoas bilíngues» estão as pessoas bilíngues mistas. Estas pessoas são caracterizadas por terem duas línguas-mães. Pensar com a língua A ou pensar com a língua B é a mesma coisa. Para um diálogo ou numa situação qualquer, elas podem utilizar uma das línguas. Às vezes, elas misturam as duas confusamente. Estas pessoas formaram-se através da História da sociedade, enquanto que através da formação é bastante difícil obter o mesmo resultado. A maioria dos «macaenses» é modelo de prática bilíngue. Para pôr em prática o uso das duas línguas oficiais, deve-se aproveitar o talento das pessoas bilíngues como a ponte de ligação entre as duas línguas.

O outro nível das «pessoas bilíngues» é o uso de duas línguas em cada ambiente diferente. É o caso típico de muitas famílias bilíngues, bidialectais. Por exemplo, nas famílias cujos antepassados são da região de Jiang Su, de Fujian ou de outra região de dialecto diferente, que imigraram para Macau há vários anos ou há várias dezenas de anos, o meio de comunicação depende da pessoa a quem se dirige a palavra e depende também da situação, usando às vezes o cantonense, outras o dialecto da região de origem. Isso verifica-se em muitos profissionais de Hong Kong e Macau. Na vida quotidiana, eles usam o cantonense, na vida profissional, usam a língua estrangeira, porque os seus conhecimentos profissionais foram adquiridos através de cursos dados em línguas estrangeiras. Por que é que alguns professores dão cursos através de uma língua estrangeira? Porque foi assim que eles «compraram o peixe e é assim que o vendem». Se lhes pedirem para dar aulas em chinês, seria necessário estudarem outra vez. Mas eles não têm capacidade de usarem a língua estrangeira na comunicação com os alunos, fora das aulas. A tragédia das escolas secundárias inglesas em Hong Kong reside na dificuldade de, usando o inglês, haver troca de opiniões entre os professores e os alunos. O nível de inglês dos professores é apenas suficiente para dar aulas específicas, resumindo-se a alguns termos técnicos, não conseguindo expressar-se da melhor forma ou duma maneira mais simples para explicarem assuntos mais complexos. O nível de inglês dos alunos não é suficientemente elevado para comunicarem fora das aulas específicas. Eles são pessoas com o cérebro «separado» da boca.

Para a maioria das pessoas, o conceito de «pessoas bilíngues» consiste em pessoas que aprenderem outra língua diferente da língua-mãe. Falando com mais propriedade, estas pessoas não devem ser consideradas «pessoas bilíngues». Uma pessoa cuja língua-mãe é o

cantonense, sabendo algumas frases em inglês ou português, pode ser considerada «bilíngue»? Claro que não. A chamada língua-mãe é a língua utilizada no raciocínio. A maioria das pessoas que domina duas ou mais línguas, normalmente utiliza a língua-mãe para efectuar o raciocínio. Quando se recebe uma mensagem numa língua estrangeira, ela é rapidamente traduzida na língua-mãe para ser compreendida. Se é necessário transmitir uma mensagem numa língua estrangeira, é também muito rapidamente traduzida na língua estrangeira para ser transmitida. Um turista acabado de chegar a Macau, vindo da República Popular da China, na compra de qualquer artigo, fará naturalmente o câmbio da pataca em relação ao renmimbi para decidir se vale ou não a pena comprar. A relação entre a língua-mãe e a língua estrangeira de uma pessoa é idêntica à relação entre os renmimbis e as patacas de um turista da República Popular da China. Isto é apenas uma comparação e qualquer comparação não reflecte toda a realidade do facto. Vamos analisar directamente o fenómeno da língua: as pessoas de Macau, ao receberem uma mensagem em mandarim, fazem, em primeiro lugar, a tradução, no cérebro, de mandarim para cantonense; e para transmitir a mensagem em mandarim, fazem também, no cérebro, a tradução de cantonense em mandarim — de princípio ao fim, a base da sua língua é o cantonense. O «bilíngue» de que falam nos jornais é exactamente a pessoa que aprendeu a outra língua e a «formação de bilíngues» não passa de formação de tradutores. A formação de tradutores deve ser incluída no planeamento de línguas, baseando-se no funcionamento da administração e as necessidades reais dos assuntos legislativos. Numa cidade pequena como Macau, é muito mais fácil atingir o nível pretendido na definição do planeamento de línguas. Por exemplo, quantos exemplares existem sobre a legislação em português? Quantos exemplares são necessários traduzir para chinês? Quantos existem já traduzidos? Restam quantos por traduzir? Como fazer a calendarização consoante a importância e a urgência dessas traduções? São necessários quantos tradutores? No funcionamento do Tribunal, por exemplo, na transferência dos poderes da administração, quantos juizes bilíngues serão necessários? Quantos tradutores durante o julgamento nos Tribunais e quantos tradutores de apoio aos Tribunais serão necessários? A formação pessoal pode ou não acompanhar as necessidades do trabalho? Podem ou não ser requisitados funcionários do exterior? Como decidir o número de funcionários requisitados e a sua duração?...

O objectivo do planeamento de línguas é resolver sistematicamente o problema de comunicação de uma sociedade linguística. Ele deve determinar a política executável da escolha e do uso de língua na base de investigação das línguas ou dialectos³. O planeamento de línguas

³ Ver a versão chinesa do «Dicionário de base de estudo de línguas e pronúncias» de David Calistle, publicação do Instituto de Línguas de Pequim, 1992.

serve exactamente para se obter o melhor resultado na comunicação. A comunicação é desenvolvida numa actividade social. O comprador e o vendedor formam a comunicação. O ensino do professor e a aprendizagem do aluno formam a comunicação. O informador de um seminário técnico e os ouvintes formam a comunicação. Existem ainda as discussões diplomáticas internacionais, entre os artistas e os espectadores... que se mantêm ligados pela comunicação. Em situações diferentes, o estilo e o ambiente também são diferentes. O uso da língua deve ser adequado a diferentes situações e ambientes, ajudando a cumprir a missão da comunicação. Um negócio de vários milhões não é feito numa tasca. O campo de golfe, que tem o sentimento de comunicação, será o local ideal para grandes negócios. O ambiente é bastante importante na comunicação entre as pessoas. O estilo linguístico é uma disciplina sobre a função da língua na comunicação. Ele investiga a característica e o estilo resultante da restrição no uso da língua em ambientes e objectivos diferentes.

A difusão moderna utiliza muito o termo «comunicação». A Universidade de Macau tem cursos de especialização de comunicação em chinês e em inglês. O seu significado salienta-se no aspecto da «comunicação». Naturalmente, «emite-se» uma mensagem na esperança de «atingir» o adversário, conseguindo o intercâmbio. Para se saber se se consegue, na realidade, «atingir» ou não o adversário, é necessário utilizar métodos especiais, como pesquisas e investigações sociais (taxa de audiência dos canais de televisão, quantidades vendidas de jornais ou revistas, entrevistas especiais aos leitores e auditórios, etc.). Depois, resolvem-se os problemas da difusão, melhorando sempre a ideia do difusor, resultando o consenso entre o difusor e o receptor. Com base na origem da palavra chinesa, podemos salientar que «comunicação» é o uso da língua na relação entre as duas partes. Se aprofundarmos a explicação da característica especial da difusão e recepção da «comunicação» e a sua dependência em relação à língua, isso irá ajudar-nos a definir com precisão o planeamento e a política linguística e a sua execução.